

ÍNDICE

Nota Editorial	11
Prefácio	13

CONTOS SECRETOS

Os Dioscuros	21
A arte de olhar.....	31
O invento ou a salvação do mundo	39
Doutoramento e incesto	47
O trevo	55
Trabalho de grupo	61
Apresentação	73
A Dama de Ouros	75
Um conto policial	81
A boleia.....	89
A conferência	93
No Hades ou o antiquário de Estremoz.....	99
A minha história	109

O BATELEUR

A gaveta do antiquário	115
Um conto exemplar.....	119

A conspiração dos linguistas	127
A primeira figura do Tarot.....	131
As estranhas etimologias de Platão.....	135
História secreta da Linguística.....	139
As perplexidades do aprendiz.....	143
O Bateleur	147

OUTROS CONTOS E ESCRITOS AFINS

O batoteiro	151
O contador de histórias e a mesa de bilhar	155
A história sonhada do jogador de Poker.....	159
Sobre <i>Os Dioscuros</i>	163
Sobre <i>Doutoramento e Incesto</i>	165
Darwin.....	167
Sobre <i>A Dama de Ouros</i>	173
Reacção minha, há 12 anos, ao que li hoje, aos 82, sobre um dos meus livros	175

A GOGA

Primeiro Acto.....	179
Explicação.....	213
Segunda Parte – Quem é Vítor Valente?	215

A VENDA DOS PAINÉIS

Plano da peça	243
Versão A.....	244
Versão B.....	248
Posfácio.....	255

MARGINÁLIA

Carta de António Telmo para José Manuel Capêlo sobre <i>O Bateleur</i> , de 27 de Agosto de 1992.....	265
Lançamento de <i>O Bateleur</i> – Dez. 92, por Afonso Botelho.....	266
O Milagre do <i>Le Bateleur</i> , por Ângelo Monteiro.....	271
As ideias são comunicadas pelos anjos, por Rui Arimateia	274
Fábulas com pinturas, por António Cândido Franco	284
TELMO, António, <i>Contos</i> , Lisboa, Aríon, 1999, 186 pp., por Pedro Sinde.....	287
<i>Contos</i> de António Telmo, por Avelino de Sousa.....	289

A ARTE DE OLHAR

à Antónia de Sousa

Os médicos declararam que era inútil operar Isidro Jorge a um duplo descolamento de retina. Estava irremediavelmente cego.

Na agência de publicidade onde trabalhava, dizia-se que a culpa tinha sido do *sueco*. Designavam assim um austríaco que, a mandado de uma organização sueca, estivera alguns meses em Portugal a orientá-los, em trabalho de grupo, sobre técnica de vendas. Isidro Jorge, que era bastante míope, tinha deixado de usar óculos a conselho do *sueco* que o convencera a submeter-se a um método infalível na cura da miopia, criado por um tal dr. Bates. Como comunicara a um funcionário da agência, seu amigo, portador de óculos como ele, tentando persuadi-lo à mesma *experiência*, esse método tinha sido exposto, nas suas linhas gerais, pelo famoso novelista inglês Aldous Huxley, que se teria curado de uma miopia de alto grau, aplicando-o ao seu próprio caso.

– O pior – diziam – é que entre os exercícios prescritos há uns que procuram captar com os olhos a energia do sol.

Isidro Jorge, uma vez cego, teve de sair da agência, que, no entanto, assegurou os seus meios de subsistência, depois de o ter declarado incapaz para o trabalho. Todos se mostravam pesarosos com o facto, lamentando a ingenuidade do pobre homem que fizera dele uma vítima do *sueco*.

Esta é a história aparente. A verdadeira tem outro interesse e vale a pena contá-la.

Isidro Jorge era *copy writer* e, dados os seus bons serviços, estava encarregado de coordenar tudo o que dissesse respeito à sua especialidade.



Teve que contactar pessoalmente com o *sueco* e, acontecendo falarem sobre os escritos comerciais de Fernando Pessoa, que a agência se propunha editar, o homem disse conhecer alguns desses escritos e interpretou-os como um aplicação da magia ao comércio. O *sueco* revelava assim uma face insuspeita da sua personalidade e combinaram encontrar-se, no dia seguinte, que era feriado, numa pastelaria do bairro.

Pela manhã, quando se arranjava para ir ao encontro do sueco, quebrou inadvertidamente uma das lentes dos óculos. Para os pôr a consertar, teve de desviar-se do percurso mais curto entre a sua casa e a pastelaria. Chegou, por isso, atrasado e explicou ao *sueco* o motivo. A língua de que se serviam era o francês, mas darei, já se vê, as conversas em português.

– Você pode, se quiser, não voltar a usar óculos. – disse o austríaco.
– Por meio de exercícios adequados pode corrigir a distorção da retina.

– Refere-se ao método do dr. Bates, exposto por Huxley n’*A Arte de Olhar*? Em tempos, li e estudei o livro e procurei aplicar o método a mim próprio, mas sem qualquer resultado.

– Não podia obter qualquer resultado. O que Huxley ensina, conquanto certo, só é eficaz quando a pessoa encontra alguém que saiba e esteja disposto a conduzi-la. Posso desempenhar esse papel, porque passei pela experiência. Também eu usava óculos. Além disso... Quando é que lhe entregam os óculos?

– Dentro de oito dias. A lente tem de vir do estrangeiro.

– Durante estes oito dias, não perde nada em experimentar. Estou certo de que não voltará a usar óculos. Eu não digo que, em tão pouco tempo, deixará de precisar deles para ver bem. Digo que não quererá voltar a usá-los.

Tinha razão. Dispôs-se Isidro Jorge a praticar os primeiros exercícios recomendados pelo *sueco*. Nada se modificou fisicamente nos seus olhos, parecia-lhe. Em dois aspectos, porém, a coisa não estava como antes. Descobriu que, até ali, o mundo exterior não existira praticamente para ele, nunca dera objectivamente pela sua existência. Ao mesmo tempo, instalara-se no seu espírito a convicção de que, de repente, de um momento para o outro, começaria a ver tudo nitidamente. Notou também, com grande surpresa, que, no emprego, ninguém reparou que tinha deixado de usar óculos. O *sueco* dir-lhe-ia mais tarde:



– Nós somos para os outros, até para aqueles a que nos ligam relações de amizade, apenas um *traço* suficientemente distinto de outros *traços*, por tal modo que, com um mínimo de dispêndio de energia, podem tratar connosco, e, no entanto, gastam estupidamente essa energia com a preocupação de si próprios.

Só passados quinze dias foi ao oculista buscar os óculos, mas não os pôs nos olhos. Levantava-se mais cedo do que era costume, para poder praticar no seu quintal, antes da ida para o emprego. Punha-se de pé, com as pernas abertas formando um compasso, em frente do tronco da laranjeira; imprimindo ao corpo, do diafragma para cima, o movimento de um pêndulo; via, com os olhos pestanejando, passarem as coisas para a esquerda e para a direita; fechava os olhos e, sem deixar de fazer o mesmo movimento, continuava a ver em espírito as mesmas coisas; voltava a abri-los para, daí a alguns segundos, os fechar de novo; e assim sucessivamente durante dez minutos. Pegava, depois, em duas laranjas e, mudando-as rapidamente de mão, atirava-as alternadamente em direcção ao céu. Subiam e desciam luminosas no espaço azul. No intervalo de cada exercício, sentava-se em frente da mesa de mármore, com os cotovelos apoiados, e tapava os olhos com as mãos postas uma sobre a outra em forma de cruz. Estava assim durante alguns minutos, procurando imaginar cenas agradáveis de infância, suaves paisagens, ribeiras a correr e ovelhas pastando. Na rua, a caminho do emprego, lançava um olhar rápido a um cartaz, a uma pessoa, a um carro estacionado; fechava os olhos e via com os olhos interiores a sua imagem. Era esta mais nítida e viva do que a exterior. Se praticava o exercício com um carro em movimento, quando fechava os olhos, via-o em movimento. Isto intrigava-o. Parecia-lhe ir contra todas as leis da óptica.

– O importante em qualquer exercício – disse-lhe um dia o *sueco* – é sentir o próprio corpo ao mesmo tempo que a atenção está entretida com outras coisas. Consiste a regra em cultivar uma perfeita atenção ao exterior, gratuita e interessada, *desinteressadamente*, sem perder a consciência *sentida* do próprio corpo, sem deixar de sentir o corpo e essa consciência. Não basta imaginar vagamente que se a tem. Repare que a nossa atenção às pessoas e às coisas funciona habitualmente como uma reacção automática a estímulos, que movimentam os nossos mecanismos interiores de defesa e de agressividade. A atenção, tal como a



EXPLICAÇÃO¹⁰

Goga é o termo grego para o italiano *Duce* e para o alemão *Führer*. A palavra, pela repetição da gutural, é a repetição de um estado peculiar da alma bem conhecido, muito frequente nas pessoas que o destino, a ambição e a vaidade, e também a incompetência, elevaram a cargos de chefia. Na Comédia do Ensino de que o leitor acabou, se leu, a primeira parte, a Goga é a personificação da pedagogia, tropo que atrairá a censura de quem vê na condução da criança para a escola (é este o significado exacto da palavra *pedagogia*) a suprema virtude do Estado. Se a palavra *pedofilia* (amor pela criança) não tivesse sido posta a correr com o sentido de pederasta, diria que os pedófilos são os educadores, os que conduzem da escola para o mundo e para a vida as crianças que o pedagogo traz para dentro das quatro paredes de uma escola. Não são jogos de palavras, mais ou menos inofensivos, que ponho aqui. A linguística tem vindo a demonstrar cientificamente uma doutrina filha da intuição dos antigos, a de que o poder de transformação das sociedades se exerce através das palavras. Põem-se a correr termos em vez dos termos correntes, pela substituição, que parece deixar tudo na mesma, alterando os significados e as relações de conceitos. Como só se pensa com palavras, a sociedade que recebe e acolhe a substituição, adopta aquelas novas relações como as verdadeiras.

Um dos exemplos disto é a troca de pederasta por pedófilo. Como o amor pela criança é uma virtude, o conteúdo sordidamente sexual

¹⁰ N. do O. – O título é da nossa responsabilidade.



da nova palavra insinua-se revestido de ares apazíveis. Outro exemplo, bem actual, é o da substituição da distinção homens-mulheres pela de homossexuais e heterossexuais. Como cada homem pode ser homossexual e heterossexual, e também cada mulher, ninguém já se caracteriza por ser um ou outro, a antiga e natural distinção anula-se porque homens e mulheres agrupam-se na classe dos homossexuais, homens e mulheres agrupam-se na classe dos heterossexuais. Assim se torna justificado o direito à pederastia, ao homossexualismo.

O comediógrafo usa de análogo processo, não com a finalidade naqueles exemplos apontada de integrar na sociedade e de valorizar os que, por este ou aquele motivo, se desviaram do “natural”, mas com outra, essa cheia de malícia e de maldade, que é a de ridicularizar os que pretendem como a Goga construir uma sociedade, mais justa e mais livre, sem diferenças e em que cada um faça o que quiser, com a condição de não poder fazer, como é lógico, o que o torna diferente dos outros. Sou livre, para a Goga, de fazer tudo o que me torna igual aos outros, vou preso quando reconheço aos outros o mesmo direito.

A maldade do comediógrafo começa logo, usando o tal processo, pela escolha da palavra Goga. Insinuam-se subtilmente uma sugestão de gaguez e, ao mesmo tempo, de desequilíbrio interior, de descontinuidade psíquica a acompanhar a diferença física das duas pernas e a arritmia do andar. A alternância do *ô* da primeira sílaba e do *a* da segunda insinua estes desequilíbrios. Mas a força da *Führer* está na gutural, reside na garganta, como se vê pelos dois *gês* de ambas as palavras.

